

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO NO MUNDO

# JAMES PATTERSON

E LIZA MARKLUND

## Os Assassinos do Cartão-Postal



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

# Agradecimentos

*Liza:*

*A Tove Alsterdal, Thomas Bodström, Kent Widing, Eva Marklund, Peter Rönnerfalk e Neil Smith, por seus conselhos profissionais e por toda a paciência. E à equipe do Museu de Arte Moderna de Estocolmo, pelas informações e teorias sobre obras de arte famosas.*

*Jim:*

*A Liza, por mergulhar de cabeça neste livro com tanto entusiasmo, habilidade e humildade. E a Linda Michaels por nos apresentar, e simplesmente por ser Linda.*

# PRÓLOGO

# Um

*Paris, França*

— **M**as é  *muito* pequeno... — A inglesa constatou, decepcionada.

Mac Rudolph riu, passando o braço por seu ombro, a mão estrategicamente caindo sobre o seu seio. Ela não estava usando sutiã.

— Óleo sobre painel de madeira — disse ele. — Setenta e sete por cinquenta e três centímetros. Ele seria pendurado na sala de jantar do mercador florentino Francesco del Giocondo, mas Da Vinci não conseguiu terminar a tempo.

Ele sentiu o mamilo dela se enrijecer por baixo da blusa. Ela não tentou tirar a mão dele.

Sylvia Rudolph se aproximou pelo outro lado, tocando de leve o braço da mulher.

— Mona Lisa não era o nome dela — explicou Sylvia. — Só Lisa. *Mona* é um diminutivo italiano usado no lugar de “dama”, ou “Vossa Graça”.

O marido da inglesa permaneceu atrás de Sylvia, seu corpo encostado no dela em meio à multidão. Estava muito confortável naquela posição.

— Alguém com sede? — perguntou ele.

Sylvia e Mac trocaram um olhar rápido, sorrindo.

Encontravam-se no primeiro andar da Ala Denon do Louvre, na Salle des États. Pendurado à sua frente, por trás do vidro antirreflexo, estava o retrato mais famoso do mundo. E o cara queria uma cerveja?

— Você tem razão — respondeu Mac, passando a mão pelas costas da inglesa com suavidade. — O quadro é bem pequeno. A mesa na sala de jantar de Francesco del Giocondo não devia ser muito grande.

Ele sorriu para o marido da inglesa.

— E também concordo com você. Vamos sair para beber!

Eles percorreram o caminho pela escadaria moderna, saindo do museu pela entrada Porte des Lions, em meio à tarde de primavera parisiense. Sylvia respirou fundo, inalando a mistura inebriante de fumaça e folhas verdes, e riu alto.

– Ah – exclamou, abraçando a inglesa –, estou tão feliz por termos conhecido vocês. Luas de mel são muito legais, mas vocês precisam sair do quarto e ver um pouco do mundo também, não é? Já tiveram tempo de ir à Notre-Dame?

– Nós chegamos hoje de manhã – respondeu o marido. – Mal tivemos tempo de comer.

– Bem, vamos mudar isso então! – interviu Mac. – Conhecemos um pequeno lugar ao lado do Sena. É maravilhoso, vocês vão adorar.

– A Notre-Dame é fantástica – disse Sylvia. – É uma das primeiras catedrais góticas do mundo, com muita influência do naturalismo. Vocês vão *amar* a Rosácea Sul.

Ela beijou a mulher no rosto, demorando-se um pouco na carícia.

O grupo atravessou a ponte de Arcole, passou pela catedral e, ao chegar na Quai de Montebello, eles ouviram alguém tocar uma triste melodia no acordeão.

– Podem pedir o que quiserem – disse Mac, abrindo a porta do bistrô. – É por nossa conta. Estamos comemorando a sua lua de mel.

# Dois

Eles se acomodaram em uma aconchegante mesa para quatro pessoas com vista para o rio. O pôr do sol coloria os prédios ao redor com um vermelho vivo, enquanto uma embarcação *bateau-mouche* navegava devagar e o acordeonista tocava uma música mais animada.

O britânico rabugento só relaxou depois da segunda garrafa de vinho. Sylvia percebeu seu interesse e abriu outro botão da blusa fina. Ela também notou que a inglesa estava olhando de soslaio para Mac, observando seu cabelo claro, sua pele cor de mel, seus cílios delicados e seus bíceps definidos.

– Hoje foi um dia mágico – comentou Sylvia, colocando a mochila nas costas depois de Mac ter pagado a conta. – Eu *preciso* de um souvenir desta noite.

Mac deu um suspiro teatral, colocando a mão na testa. Ela se esgueirou até ele e murmurou:

– Acho que a Dior da avenida Montaigne ainda está aberta.

– Isso vai sair *caro!* – resmungou Mac.

O casal britânico deu uma gargalhada.

Eles pegaram um táxi até a avenida Montaigne. Mac e Sylvia não compraram nada, mas o inglês sacou o cartão de crédito e comprou um horroroso xale de seda para a mulher. Mac se contentou com duas garrafas de Moët & Chandon de uma loja de vinhos próxima.

Ao saírem da loja, Mac acendeu um baseado e o passou para a inglesa.

Sylvia passou os braços pela cintura do inglês e olhou fundo nos seus olhos.

– Eu quero provar esse champanhe... no seu quarto.

O britânico engoliu em seco e olhou para a mulher.

– Ela pode brincar com Mac enquanto isso – sussurrou Sylvia, antes de beijá-lo na boca. – Não tenho nenhum problema com isso.

Eles chamaram outro táxi.

# Três

O Central Hotel de Paris fica em uma área simples e limpa em Montparnasse. Tropeçando e rindo, meio chapados, os dois casais pegaram o elevador para o terceiro andar e entraram no quarto com vista para a Rue du Maine.

As paredes eram de um amarelo vivo e uma imensa cama de casal encontrava-se no centro de um grosso carpete azul-celeste.

– Vou abrir uma garrafa agora mesmo – disse Mac, levando o champanhe para o banheiro. – Volto já.

Sylvia beijou o inglês na boca mais uma vez, de maneira mais ousada. Ela sentiu sua respiração se acelerando e a ereção em sua calça.

– Você deve ser grande, não é? – perguntou com uma voz sedutora, passando a mão por sua perna até a virilha.

Embora não a tivesse impedido, Sylvia viu que a inglesa estava ficando vermelha.

– Tim-tim – brindou Mac, voltando para o quarto com quatro taças improvisadas de champanhe, na bandeja em que o hotel deixava os copos para as escovas de dente.

– A nós! – comemorou Sylvia, pegando rapidamente uma das taças e virando a bebida em um só gole. O casal britânico a acompanhou, enquanto Mac gargalhava e se ocupava em servir mais champanhe e acender outro baseado, enrolado com perfeição.

– Há quanto tempo vocês estão casados? – perguntou Sylvia, passando o baseado.

– Quatro semanas – respondeu a mulher.

– Imagine só – disse Sylvia –, tantas noites adoráveis pela frente. Estou com inveja.

Mac puxou a inglesa para perto de si e sussurrou algo em seu ouvido. Ela deixou escapar uma risadinha.



Sylvia sorriu.

– Mac consegue aguentar horas. Vamos tentar ganhar deles? Acho que a gente consegue.

Ela se inclinou e mordiscou a orelha do homem. Reparou que as suas pálpebras já estavam caídas. A britânica deu uma risadinha, um som baixo e confuso.

– Só mais um minuto – constatou Mac. – E poderemos começar.

# Quatro

Sylvia sorriu e, devagar, desabotoou a camisa do homem. Antes de ele desabar no colchão, ela conseguiu tirar seu sapato e sua calça.

– Clive – balbuciou a mulher. – Eu sempre vou te amar, você sabe disso...  
Em seguida, ela também apagou.

Mac já a tinha despido quase completamente. Agora ele tirava a sua calcinha e a carregava no colo até a cama, deitando-a ao lado do marido. Os cabelos da mulher, mais ou menos da mesma cor que os de Sylvia, mas um pouco mais curtos, se espalharam sobre o colchão.

Sylvia abriu a bolsa dela. Verificou rapidamente os cartões de crédito e parou para ler o passaporte com mais atenção.

– Emily Spencer – disse ela, vendo a foto. – Nós somos parecidas o suficiente. Isso é bom. Vai facilitar as coisas.

– Você acha que ela é parente da princesa Diana? – perguntou Mac, enquanto tirava a aliança de casamento da moça.

Sylvia juntou as roupas e os objetos de valor de Emily, junto com outros pertences importantes, e guardou tudo na mochila. Em seguida, abriu o bolso externo da mochila e pegou luvas de látex, clorexidina e um estilete.

– *Mona Lisa?* – perguntou ela.

Mac sorriu.

– O que você queria? Foi a escolha perfeita. Ande, me ajude com a limpeza.

Eles colocaram as luvas, pegaram algumas toalhas de papel no banheiro e começaram a limpar metodicamente tudo em que tinham tocado, incluindo as duas pessoas inconscientes na cama.

Sylvia encarou os genitais do homem.

– Ele não era tão grande afinal – comentou.

Mac riu.

– Pronto? – perguntou Sylvia, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo.

Eles tiraram as próprias roupas e as dobraram, colocando-as o mais longe possível da cama.

Sylvia começou por Clive, não por alguma razão sexista, mas porque era o mais pesado dos dois. Ela o colocou em seu colo, deixando os braços frouxos penderem. Ele grunhiu como se estivesse roncando.

Mac endireitou as pernas do inglês, cruzou seus braços sobre a barriga e entregou o estilete para Sylvia, que o pegou com a mão direita.

Ela apoiou a testa dele na dobra do seu braço esquerdo, mantendo a cabeça erguida. Em seguida, procurou pela pulsação com as pontas dos dedos, estimou a força do fluxo e enfiou o estilete na veia jugular esquerda. O corte, rápido e preciso, atravessou músculos e ligamentos.

No fim, só restou o leve chiado que indicava que a traqueia havia sido cortada.

# Cinco

**E**mbora a perda de consciência tenha baixado a pressão sanguínea e diminuído os batimentos do inglês, a pressão na jugular ainda foi forte o suficiente para fazer o sangue jorrar num chafariz de quase um metro.

Sylvia, porém, não foi atingida pelo jato.

– Parabéns – disse Mac. – Você abriu um gêiser.

A força do jato logo foi reduzida a uma pulsação rítmica. O som borbulhante do ar se misturando com sangue, conforme saíam pela garganta cortada, foi ficando mais fraco, até parar por completo.

– Você poderia ter sido médica...

– Não. Muito entediante, regras demais. Você sabe o que eu penso das regras.

Sylvia se afastou com cuidado de Clive, apoiando-o na cabeceira barata da cama. Acabou sujando os braços de sangue quando posicionou as mãos do cadáver sobre a barriga, mas não se deu ao trabalho de lavar.

– Agora é a sua vez, querida – disse à inglesa inconsciente.

Emily Spencer era magra e leve. Sua respiração já tinha quase parado e o sangue mal jorrou.

– Quanto ela bebeu? – perguntou Sylvia, enquanto arrumava as mãos pequenas da mulher sobre a barriga.

Ela olhou para os próprios braços, sujos de sangue, e entrou no boxe para tomar uma ducha. Mac a seguiu. Eles tiraram as luvas de látex e se ensaboaram com cuidado, limpando também o estilete no banho. Enxaguaram-se e deixaram o chuveiro ligado. Como último detalhe, usaram as toalhas do hotel e as guardaram na mochila de Sylvia.

Após se vestirem, pegaram a Polaroid.

Hesitante, Sylvia analisava os corpos na cama, tentando decidir se a posição estava correta.

– O que você acha? – perguntou. – Assim está bom?

Mac ergueu a câmera. O clarão do flash os cegou por um instante.

– Com certeza – respondeu. – É capaz de ser a melhor até agora. Melhor até que em Roma.

Sylvia abriu a porta do quarto com o cotovelo. Não havia câmeras de segurança no corredor, eles se certificaram disso quando entraram. Mac envolveu a mão com a manga da camisa e pendurou o aviso de NÃO PERTURBE na maçaneta. A porta se fechou com um estalido quase inaudível. Graças ao sistema de ventilação, mal dava para ouvir o barulho do chuveiro.

– Escada ou elevador? – perguntou Mac.

– Elevador – respondeu Sylvia. – Estou cansada. Matar pessoas é um trabalho difícil, sabia?

Eles esperaram as portas fecharem e o elevador começar a descer antes de se beijarem.

– Eu amo estar em lua de mel com você – disse Sylvia.

Mac deu um sorriso reluzente.

# PARTE UM

# Capítulo 1

*Quinta-feira, 10 de junho  
Berlim, Alemanha*

**A** vista do quarto de hotel consistia em uma parede de tijolos manchados e três latas de lixo. Ainda devia haver luz do sol em algum lugar sobre o beco, pois Jacob Kanon podia ver um rato gordo se divertindo na lixeira da esquerda.

Ele tomou um longo gole da caneca de vinho Riesling.

Olhando pela janela de vidro fino, era difícil determinar se as coisas estavam mais deprimentes dentro ou fora do quarto. Ele deu as costas para a vista e baixou os olhos para os cartões-postais espalhados pela cama do hotel.

Havia um padrão ali, pensou, uma lógica distorcida que ele não conseguia enxergar. Os assassinos estavam tentando dizer algo. Os desgraçados que saíam pela Europa cortando a garganta de jovens casais estavam gritando bem na cara dele.

Ali estava a mensagem, mas Jacob não conseguia discernir as palavras, não era capaz de entender o significado. E enquanto não fosse capaz de decifrar aquilo, ele não conseguiria detê-los.

Tomou o resto do vinho na caneca e se serviu de um pouco mais. Sentou-se na cama e desfez a ordem em que tinha acabado de organizar os cartões.

– Vamos tentar por outro ângulo... Mostrem-me quem são vocês!

Jacob Kanon, um detetive de homicídios da 32ª delegacia do Departamento de Polícia de Nova York, estava muito longe de casa. Os assassinos o tinham levado até Berlim. Jacob os seguia havia seis meses, sempre dois passos atrás, talvez até três ou quatro.

Mas só agora a magnitude da depravação deles tinha começado a ficar clara para as autoridades policiais europeias. Como os assassinos cometiam apenas um ou dois homicídios em cada país, o padrão demorou um pouco até ficar aparente. Pelo menos para que alguém além de Jacob conseguisse ver com clareza.

E os imbecis obviamente não iriam aceitar a ajuda de um americano.

Mesmo que esse americano fosse esperto pra caralho e que muita coisa dependesse desse caso.

Ele recolheu as cópias do cartão-postal de Florença.

*O primeiro.*



## Capítulo 2

O cartão-postal mostrava a Basílica de San Miniato al Monte. No verso, a citação já familiar. Ele leu o trecho e tomou mais um gole de vinho. Deixou o cartão cair e pegou o seguinte, e o seguinte, e o seguinte...

*Atenas:* uma foto do Estádio Olímpico de 2004.

*Salzburgo:* a imagem de uma rua desconhecida.

*Madri:* Las Ventas.

E aí *Roma, Roma, Roma...*

Jacob cobriu o rosto com as mãos por alguns segundos, antes de se levantar e caminhar até a escrivaninha bamba encostada na parede. Ele se sentou na cadeira Windsor e apoiou os braços em cima das anotações sobre as diversas vítimas, as interpretações que tinha feito, as conexões experimentais que havia traçado.

Jacob sabia muito pouco sobre o casal em Berlim, apenas seus nomes e idades: Karen e Billy Cowley, ambos com 23 anos, vindos da cidade australiana de Camberra. Foram drogados e assassinados no apartamento alugado próximo ao Hospital Universitário Charité. Eles tinham pagado adiantado por duas semanas de estadia, que não chegaram a aproveitar. Em vez disso, tiveram a garganta cortada e foram mutilados no segundo ou terceiro dia que passaram no apartamento.

Demoraram uns quatro, cinco ou seis dias até encontrá-los.

*Polícia alemã burra e arrogante! Agindo como se soubesse de tudo...*

Jacob se levantou, foi até a cama mais uma vez e pegou a foto do casal, enviada por correio para o jornal *Berliner Zeitung*. Foi nesse ponto que o seu cérebro chegou ao limite do que conseguia absorver.

Por que os assassinos enviavam para a mídia primeiro cartões-postais e depois fotografias macabras da carnificina?

Eles queriam chocar?

Queriam fama e aplausos?

Ou tinham alguma outra intenção? Será que as fotos e os cartões-postais eram uma cortina de fumaça para ocultar seus verdadeiros motivos? Se esse fosse o caso, que merda de motivos teriam?

Que merda, que merda, que merda...

Ele examinou uma das fotografias. Devia ter um significado, mas Jacob não conseguia imaginar qual seria.

Ele pegou a foto do casal de Paris.

Emily e Clive Spencer, recém-casados, um ao lado do outro. Apoiados a uma cabeceira clara, em um quarto de hotel em Montparnasse. Ambos nus. Os filetes de sangue que cobriam os seus corpos tinham se aglomerado em pequenas poças coaguladas ao redor dos genitais.

*Por quê?*

## Capítulo 3

Jacob pegou a foto do casamento que tinha pedido para a mãe de Emily enviar.

Emily tinha apenas 21 anos. Clive acabara de fazer 26. Eles eram um lindo casal e a foto de casamento irradiava felicidade e romance. Clive, alto e bonito, vestia um smoking. Talvez estivesse um pouco acima do peso, mas isso condizia com o seu status de corretor de ações no mercado londrino.

Emily parecia uma princesa de contos de fadas: magra, frágil e com cabelos cacheados. Parecia muito encantadora no vestido cor de marfim. Seus olhos brilhavam para a câmera.

Eles se conheceram durante a festa de Ano-Novo de um amigo em comum, em Notting Hill, em uma daquelas casas estreitas que estavam na moda desde o filme com Hugh Grant e Julia Roberts.

A mãe de Emily não conseguiu parar de chorar quando Jacob contou tudo pelo telefone. Ele não podia oferecer consolo nem ajuda. Afinal, não estava oficialmente no caso. Como agente da polícia norte-americana, não deveria estar envolvido no trabalho realizado pelas autoridades de outros países. Isso poderia gerar consequências diplomáticas e, pior ainda, levar à sua expulsão do país.

Uma onda de desânimo caiu sobre Jacob com tanta força que ele perdeu o fôlego e a caneca estremeceu em sua mão. Ele tomou o resto do vinho em um gole e se serviu de mais.

*Patético*, pensou.

Jacob voltou para a mesa, sentando-se de costas para as fotografias e os cartões-postais. Não queria ver as imagens.

Um banho talvez fosse uma boa ideia. Deveria seguir até o banheiro comunitário ao fim do corredor, na esperança de que ainda houvesse um pouco de água quente. Ele tinha um sabonete? Meu Deus, ele nem sequer havia tomado banho desde que chegara a Berlim...

E bebeu um pouco mais de vinho.

Após terminar a garrafa, analisou melhor as fotos do casal morto em Roma. Colocou-as à sua frente na escrivaninha, com sua Glock 26 9 milímetros ao lado, como sempre. Os assassinos enviaram duas fotos: uma imagem das vítimas nuas e um close das mãos.

A mão esquerda da mulher e a direita do homem.

Ele pegou a foto do close e passou o dedo pela mão graciosa da mulher, sorrindo ao chegar à marca de nascença na base do dedão.

A mulher tocava piano e era especialista em Franz Liszt.

Ele bufou com força, largando a foto, e pegou a arma.

Jacob passou a palma da mão sobre o plástico liso do cabo e colocou o cano dentro da boca. Tinha gosto de pólvora e metal. Ele fechou os olhos e o quarto pareceu se mexer um pouco para a esquerda, consequência do excesso de vinho.

*Não, pensou Jacob. Ainda não. Eu ainda não terminei.*

# Capítulo 4

*Sexta-feira, 11 de junho  
Estocolmo, Suécia*

O cartão-postal estava entre um inofensivo convite para o tradicional torneio de bocha da redação e o convite para uma degustação de vinhos.

Dessie Larsson resmungou em voz alta, jogando no lixo reciclável algumas cartas chamando-a para eventos sociais insípidos. Se as pessoas prestassem mais atenção no trabalho e não ficassem só brincando ou puxando o saco dos outros, talvez aquele jornal tivesse um futuro.

Ela estava prestes a jogar fora o cartão-postal, mas mudou de ideia.

Quem ainda manda cartões-postais hoje em dia?

A imagem na frente era da Stortorget, a praça principal da Cidade Velha de Estocolmo. O sol brilhava em meio a um céu azul. Pessoas tomavam sorvete nos bancos e a fonte no centro jorrava água. Dois carros, um Saab e um Volvo, estavam estacionados diante da entrada da Bolsa de Valores.

Dessie virou o cartão.

*Ser ou não ser  
Em Estocolmo  
Eis a questão*

*Entraremos em contato.*

Que maluquice era aquela?

Ela virou o cartão de novo e deu mais uma olhada na imagem, como se pudesse conter uma pista sobre o significado das palavras enigmáticas escritas no verso.

O sorvete... a água jorrando... Nem o Volvo nem o Saab tinham saído do lugar.

*As pessoas precisam arrumar coisa melhor para fazer, pensou ela, jogando o cartão no lixo reciclável.*

E voltou para a sua mesa.

– *Alguma coisa* aconteceu em Estocolmo hoje? Qualquer coisa? – perguntou a Forsberg, seu editor atarracado e desgrenhado, enquanto colocava a mochila na mesa, ao lado do capacete para ciclismo.

Forsberg olhou por cima dos óculos por uma fração de segundo e voltou a ler o jornal à sua frente.

– Hugo Bergman escreveu um excelente artigo. O Partido Popular quer um FBI europeu. E eles encontraram outro casal de jovens amantes assassinado. Dessa vez foi em Berlim.

Dessie sentou-se à mesa, imaginando que merda Hugo Bergman teria inventado agora. Ela tirou o notebook da mochila e fez login na rede do jornal.

– Algum trabalho para mim, chefe? – perguntou, clicando na notícia sobre o assassinato duplo em Berlim.

– São uns doentes filhos da puta, esses assassinos! – afirmou o editor. – Qual é o problema dessas pessoas?

– Não pergunte para mim. Eu trabalho com os criminosos comuns – respondeu Dessie. – Não com assassinos em série. Nada tão grande e importante.

Forsberg se levantou e foi pegar um café na máquina.

As vítimas em Berlim eram australianas. Karen e William Cowley, ambos com 23 anos e casados havia dois. Eles viajaram para a Europa a fim de superar a morte do filho recém-nascido. Em vez disso, deram de cara com os notórios assassinos que estavam matando casais por toda a Europa.

O cartão-postal tinha sido enviado para um jornalista de um jornal local. A imagem era do lugar onde ficava o bunker de Hitler. No verso, uma citação de Shakespeare.

Dessie engasgou. Ela sentiu que estava prestes a ter um ataque cardíaco, ou pelo menos imaginou que um ataque desses devia gerar uma sensação parecida.

*Ser ou não ser...*

Seus olhos estavam fixos no lixo reciclável à sua frente.

– Forsberg – disse Dessie, sua voz muito mais calma do que ela mesma. – Acho que eles estão em Estocolmo.

## Capítulo 5

— **E** você não tem nem ideia de por que o cartão-postal foi enviado para o seu endereço?

A polícia já tinha tomado posse da sala de reuniões. Por trás da mesa, através dos óculos de grife, o superintendente Mats Duvall encarava Dessie.

Um gravador de fitas antigo estava ao seu lado.

— Não tenho a menor ideia — respondeu Dessie. — Não mesmo.

A sala de redação estava isolada. Uma equipe de especialistas forenses começou a analisar o cartão-postal e tirar algumas fotos. Pouco tempo depois, iriam sitiar a sala de correspondências.

Dessie não entendia o que esperavam encontrar ali, mas eles tinham um arsenal inteiro de equipamentos.

— Você escreveu algum artigo sobre isso? Relatou algum dos outros assassinatos na Europa?

Ela balançou a cabeça.

O superintendente a observava com frieza.

— Pode responder verbalmente, por favor, para que a sua fala fique registrada pela fita?

Dessie se endireitou na cadeira e limpou a garganta.

— Não — disse, um pouco alto demais. — Não, eu nunca escrevi sobre esses assassinatos.

— Há alguma outra coisa que possa ter feito para levá-los a contatar você especificamente?

— Talvez o meu charme e flexibilidade?

Duvall deu uns toques em um dispositivo pequeno que Dessie pensou ser alguma espécie de smartphone. Seus dedos eram compridos e finos, e as unhas bem-cortadas. Ele vestia um terno, uma camisa rosa e uma gravata listrada cinza e azul.

— Vamos falar sobre você. Há quanto tempo trabalha no *Aftonposten*?

Dessie juntou as mãos sobre o colo.

– Quase três anos – respondeu. – Meio período. Eu trabalho com pesquisa quando não estou aqui.

– Pesquisa? Posso perguntar de que tipo?

– Sou criminologista, estou me especializando em crimes contra a propriedade. Fiz também um curso de extensão em jornalismo na Universidade de Estocolmo, então também sou jornalista. E, no momento, estou escrevendo minha tese de doutorado... Feliz por ter perguntado?

Tinha deixado escapar a parte sobre a tese. Com foco nas consequências sociais de pequenos arrombamentos em propriedades, o trabalho tinha sido deixado em segundo plano... para dizer o mínimo. Ela não tinha escrito uma palavra sequer em mais de dois anos.

– Você despreveria a si mesma como uma repórter conhecida ou famosa? – perguntou o superintendente.

Dessie soltou uma risada um tanto inadequada.

– Dificilmente. – Ela se recompôs um pouco. – Eu não escrevo sobre as grandes notícias. Desenvolvo minhas próprias matérias. Por exemplo, eu fiz uma entrevista com o “Burglar Bengt”, saiu na edição de ontem. Ele é o ladrão “mais notório” da Suécia. Condenado por invadir 318 propriedades, e isso sem contar...

O superintendente Duvall a interrompeu, inclinando-se sobre a mesa.

– Em geral, as pessoas que enviam o cartão-postal mantêm uma correspondência com o jornalista. Talvez você receba outras cartas dos assassinos.

– Se você não capturá-los antes.

Dessie encarou o policial. Ele tinha os olhos calmos, impenetráveis por trás dos óculos lustrosos. Ela não soube avaliar se gostava dele ou não. Não que isso importasse.

– Nós não conhecemos a motivação dos assassinos – disse Duvall. – Eu falei com a divisão de segurança. Achamos que você não precisa de proteção pessoal no momento. Mas você acha que seria necessário?

Um tremor subiu pela espinha de Dessie.

– Não – respondeu ela. – Sem proteção pessoal.



## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)